

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA - IECLB
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

A LITURGIA LUTERANA: DE LUTERO ATÉ O SÉCULO XIX

MÁRCIO ARTHUR TRENTINI

MESTRADO EM TEOLOGIA

Área de Concentração: Teologia Prática

São Leopoldo, JUNHO DE 2003.

A LITURGIA LUTERANA: DE LUTERO ATÉ O SÉCULO XIX

MONOGRAFIA DE MESTRADO

Por

Márcio Arthur Trentini

**em cumprimento parcial das exigências
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia
para obtenção do grau de Mestre em Teologia**

Escola Superior de Teologia

São Leopoldo, RS, Brasil

Junho de 2003

TRENTINI, Márcio Arthur. *A Liturgia Luterana: de Lutero até o século XIX*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

SINOPSE

O presente trabalho trata sobre a liturgia luterana abrangendo o período compreendido desde a Reforma de Lutero até século XIX. O primeiro capítulo analisa as duas liturgias propostas por Lutero: Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523) e a Missa Alemã e Ordem do Culto (1526). A análise é feita levando em conta o contexto e os objetivos de Lutero ao elaborar essas duas liturgias. O segundo capítulo trata do desenvolvimento e da decadência da liturgia luterana nos três séculos após Martin Lutero, considerando o contexto e os objetivos dos períodos da ortodoxia, pietismo e iluminismo/racionalismo. O terceiro capítulo, por sua vez, aborda como, no século XIX, iniciou-se o resgate da liturgia luterana após a decadência. Dois nomes são destacados: Frederico Guilherme III, imperador da Prússia, foi o responsável pela criação da Igreja da União (resultado da união das Igrejas Luterana e Reformada/Calvinista) e autor da Liturgia Prussiana de 1822, revista em 1895; e Wilhelm Löhe, teólogo luterano ortodoxo, que não aceitou a imposição de Frederico Guilherme III e também elaborou uma proposta litúrgica para o culto eucarístico.

TRENTINI, Márcio Arthur. *The Lutheran Liturgy: from Lutero to the 19th century*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

Abstract

The present work examines the Lutheran liturgy from Luther to the 19th century. The first chapter analyzes two of Luther's writings on the liturgy: "An Order of Mass and Communion for the Church at Wittenberg"(1523) and "The German Mass and Order of Service"(1526). The analysis of these two liturgies takes into account Luther's context and his goals in producing them. The second chapter treats the development and decline of the Lutheran liturgy in the three centuries after Luther in light of the context and objectives of the periods of Lutheran Orthodoxy, Pietism, and the Enlightenment/Rationalism. The third chapter analyzes the recovering of the Lutheran liturgy in the 19th century after its decline. In this chapter two names are prominent: Frederick William III, King of Prussia, and Wilhelm Löhe. Frederick William was responsible for the Prussian Union(union of the Lutheran and Reformed confessions), and was also the author of the Prussian liturgy of 1822, revised in 1895. Wilhelm Löhe was an orthodox Lutheran theologian who did not accept the imposition of the Prussian Union with its liturgy, and developed a eucharistic liturgy in response.

SUMÁRIO

SINOPSE	III
ABSTRACT	IV
SUMÁRIO	V
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - LUTERO E LITURGIA	9
1.1 - O contexto da Reforma de Lutero	9
1.2 - Objetivos de Lutero ao elaborar liturgias	11
1.3 - Formulário da Missa e da Comunhão para a igreja de Wittenberg (1523)	13
1.4 - Missa Alemã e Ordem de Culto (1523)	16
CAPÍTULO II - O CULTO NA ORTODOXIA, NO PIETISMO E NO ILUMINISMO	21
2.1 - Ortodoxia	21
2.1.1 - O que é ortodoxia	21
2.1.2 - Liturgia e culto na ortodoxia	22
2.2 - Pietismo	24
2.2.1 - O que é pietismo	24
2.2.2 - Liturgia e culto no pietismo	26
2.2.3 - "Vozes discordantes"	28
2.3 - Iluminismo	29
2.3.1 - O que é iluminismo	29
2.3.2 - Liturgia e culto no iluminismo	30
CAPÍTULO III - RENOVAÇÃO LITÚRGICA NO SÉCULO XIX	33
3.1 - Contexto da renovação litúrgica no século XIX ...	33

3.2 - A renovação litúrgica de Frederico Guilherme III .	34
3.2.1 - Objetivos de Frederico Guilherme III com sua agenda litúrgica	34
3.2.2 - O culto prussiano	38
3.3 - A proposta litúrgica de Wilhelm Löhe	42
3.3.1 - Objetivos de Wilhelm Löhe	42
3.3.2 - O culto segundo Wilhelm Löhe	44
CONCLUSÃO	47
BIBLIOGRAFIA	53

INTRODUÇÃO

"Em todas as áreas da existência humana, o conhecimento do passado é fundamental para a vivência do presente. Saber de onde viemos ajuda a compreender quem somos e para onde vamos. O mesmo vale para a vida litúrgica das comunidades cristãs."¹

O presente trabalho tem por objetivo conhecer o passado da liturgia luterana e os seus precursores, levando em conta que essa liturgia não surgiu do nada, mas é fruto de uma tradição iniciada com os primeiros cristãos. O período que o trabalho abrange tem início na Reforma (século XVI), estendendo-se até o final do século XIX. Conhecer esse passado, sem dúvida, é fundamental no momento de renovação litúrgica pelo qual passa a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

O primeiro capítulo trata das propostas litúrgicas elaboradas pelo reformador Martin Lutero. A análise destas propostas leva em conta também os objetivos de Lutero ao elaborá-las, o contexto e as ênfases dadas por ele.

O segundo capítulo trata da forma como foi trabalhada a questão litúrgica nos movimentos que vieram após a Reforma: a ortodoxia, o pietismo e o iluminismo. Estes movimentos também

¹ EQUIPE TEAR, *Vertentes litúrgicas de igrejas luteranas e unidas da América Latina: a renovação litúrgica na Alemanha protestante do século 19*, p. 11

são abordados a partir do modo como seu contexto, objetivos e ênfases, acabaram tendo reflexos na liturgia.

O terceiro capítulo trata da renovação litúrgica que aconteceu no século XIX. Dois nomes destacam-se nesta renovação: Frederico Guilherme III, o imperador da Prússia, e Wilhelm Löhe. Também eles, ao elaborarem suas propostas litúrgicas, o fizeram dentro de um contexto, tendo seus objetivos e ênfases, que se refletiram em suas propostas.

CAPÍTULO I - LUTERO E LITURGIA

1.1 - O contexto da Reforma de Lutero

O período em que acontece a Reforma é um período no qual a área germânica central "estava em efervescência e passava por profundas transformações"², uma vez que a população estava crescendo muito. O aumento populacional gerou sobra da mão de obra, bem como crescimento das cidades pelo êxodo rural³ e pelo surgimento de novas atividades⁴. Isso tudo ocasionou também uma divisão entre ricos e pobres⁵ e um aumento da violência por parte das pessoas que queriam manter à força os monopólios na mão de obra, no comércio e na fabricação da cerveja⁶, e por parte do governo, que se utilizava da violência para a cobrança cada vez maior de impostos⁷.

A Igreja, por sua vez, enfatizava a penitência. No entanto, quem não podia, ou não queria fazer penitência, comprava indulgências para evitar o fogo do inferno, aumentando, assim,

² Romeu R. MARTINI, *Eucaristia e conflitos comunitários*, p.213

³ "Esse crescimento da população resultou, entre outros, numa sobra de mão de obra, pois era impossível ampliar a área de terra agriculturável." ID., *ibid.*, p. 213

⁴ "Nasciam o comerciante e, simultaneamente, as formas primitivas do capitalismo." *Ibid.*, p.214

⁵ *Ibid.*, p. 214

⁶ *Ibid.*, p. 214

⁷ *Ibid.*, p.215

a arrecadação de dinheiro para a Igreja⁸. Ou seja, o Deus que era pregado naquela época negociava a salvação em troca de castigos (penitências) ou de dinheiro (indulgências), não por amor e graça. Isso se dava por influência do occamismo, que insistia que a graça de Deus era resultado do esforço/merecimento humanos⁹.

Essa visão/concepção de Deus se refletia nas missas, as quais eram consideradas sacrifícios oferecidos a Deus. O individualismo também era forte, pois assistia-se à missa sem participar da comunhão a qual era substituída pela adoração à hóstia (que se acreditava ser fonte de graças particulares) e pela veneração do sangue e das chagas do Cristo morto¹⁰. Também eram enfatizados os cultos aos santos, a encomenda de missas para os mortos e como proteção contra males e a prática do rosário¹¹.

Lutero, no período de sua vida monástica, via nos cultos e na obediência às regras do convento um meio de alcançar a graça divina¹², ou seja, também via a salvação como resultado do esforço humano.

Apesar dessa situação e do descrédito em relação aos clérigos¹³, o culto e a Igreja eram respeitados¹⁴ e o "apetite divino"¹⁵ permanecia. Mas havia também um anseio por mudanças, por uma volta "a um estado original considerado modelo"¹⁶.

⁸ Ibid., p. 215-216

⁹ Marc LIENHARD , *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*, p. 25

¹⁰ ID., *ibid.*, p. 24-25

¹¹ Ibid., p. 25

¹² Romeu R. MARTINI, *op. cit.*, p. 218

¹³ "De maneira geral os clérigos se viam censurados por sua negligência nas tarefas pastorais. (...) A caça às prebendas irritava os leigos. O modo de vida dos clérigos, em particular o concubinato, lhes acarretava desprezo." Marc LIENHARD , *op. cit.*, p.23

¹⁴ ID., *Ibid.*, p. 22

¹⁵ Ibid., p. 23

¹⁶ Ibid., p. 27

1.2 - Objetivos de Lutero ao elaborar liturgias

Lutero, ao elaborar suas propostas de liturgia para o culto, não queria abolir o que aí vigorava, mas talvez, atendendo aos anseios vistos anteriormente, e também para se posicionar frente ao que outros estavam fazendo¹⁷, seu objetivo era restaurar, "restabelecer o seu [do culto] verdadeiro uso"¹⁸, resgatando para isso principalmente a Palavra. Lutero denunciava que a Palavra de Deus fora silenciada nos cultos e que ela acabara substituída por fábulas, lendas e histórias mentirosas¹⁹. O resgate da Palavra, para Lutero, significava fazer com que ela "chegasse" a todas as pessoas, até às mais simples. Por isso, Lutero demonstrou preocupação para que o culto não fosse cansativo, que fosse feito com amor²⁰, não fosse apenas "um palavrório e um vozerio vazio"²¹, mas que fosse também uma forma de instrução do povo, para que este se tornasse conhecedor da Bíblia²². Para alcançar tais objetivos, Lutero propôs que: o culto tivesse partes em língua alemã (principalmente as partes de leitura da Palavra e cantos, quando não fosse completamente em alemão), mas preservando ainda o latim, pois assim também os jovens poderiam aprendê-lo. Propôs também que as pregações abrangessem toda a Bíblia, não somente uma pequena parte²³.

Outra preocupação de Lutero foi com que as pessoas pudessem participar ativamente nos cultos. Por esta razão também se

¹⁷ "No Natal de 1521, Karlstadt, pastor de Wittenberg, homem da confiança de Lutero, celebrou a missa sem as vestes litúrgicas, não falou a Oração Eucarística (nem as palavras da instituição da Ceia do Senhor) e deu pão e cálice na mão dos leigos." Romeu R. MARTINI, op. cit., p.221

¹⁸ Martinho LUTERO. *A Ordem do Culto na Comunidade (1523)*, p. 66

¹⁹ ID., *ibid.*, p. 66

²⁰ *Ibid.*, p.67

²¹ *Ibid.*, p.69

²² *Ibid.*, p.67

²³ Martinho LUTERO. *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p.182-183

empenhou para que as melodias dos hinos fossem fáceis²⁴ e estabeleceu uma liturgia "simplificada, uniforme para todas as épocas do ano" ²⁵.

Conforme já mencionado, para Lutero o culto era também um importante espaço na instrução dos jovens, por isso não poderia estar repleto de novidades, pois isso tornaria o culto mais uma vez algo cansativo, provocando o seu esvaziamento²⁶.

O ideal de culto para Lutero não foi nem o que ele propôs em 1523 ou em 1526, mas sim que as pessoas se inscrevessem e se reunissem em alguma casa qualquer com o objetivo de orar, ler, realizar os sacramentos de forma breve e bonita, praticar obras cristãs e ofertar para distribuir entre os pobres. Também nessa forma ideal por ele proposta a ênfase deveria estar na Palavra²⁷.

Lutero sabia que uma ordem de culto uniforme poderia ser um importante instrumento para a unidade da Igreja²⁸, porém também não queria que essa uniformidade novamente se tornasse uma lei, um mérito diante de Deus para conquistar a salvação. Era isto que ele condenava nas missas católicas da época: "Isto é o diabo"²⁹. Enfim, Lutero não queria que o culto tivesse uma ordem "inflexível" em todos os tempos e lugares, mas apresentou "princípios norteadores para a sua estruturação"³⁰.

²⁴ ID., *ibid.*, p. 191, nota 32

²⁵ *Ibid.*, p.188 nota 28

²⁶ *Ibid.*, p. 204

²⁷ *Ibid.*, p. 179

²⁸ *Ibid.*, p. 175

²⁹ *Ibid.*, p. 178

³⁰ Romeu R. MARTINI, *op. cit.*, p.257

Para alcançar esses objetivos, Lutero sabia que era necessário explicar o rito³¹, e não fazer algo sem a aprovação, sem o consentimento da comunidade³².

1.3 - Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523)

Após muita resistência, Lutero, em 1523, elaborou uma proposta de liturgia para a celebração das missas. Nela ele não pretendia acabar de vez com os costumes antigos, nem trazer algo totalmente novo, mas sim "tratar de uma forma evangélica de celebrar a missa (como dizem) e de comungar"³³.

A missa elaborada por Lutero em 1523 tinha a seguinte ordem:

- Intróito: salmo de entrada;
- Kyrie: poderia ser cantado com várias melodias e seguido do *Glória in excelsis*. Por opção do pastor, essa parte poderia ser omitida;
- Oração de coleta: somente uma e seguida da leitura da epístola (dando preferência às epístolas de Paulo, nas quais é ensinada a fé);
- Graduais³⁴: eram seguidos do aleluia (versículo com aleluia) não devendo exceder mais de dois versículos para não se tornarem tediosos. Nessa parte devia-se se respeitar as épocas da Quaresma e da Semana Santa;

³¹ Marc LIENHARD , op. cit., p. 178

³² Martinho LUTERO. *Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523)*, p. 155

³³ ID., *ibid.*, p. 156

³⁴ "É o canto dos degraus. A designação se deriva da posição que o leitor (diácono ou presbítero) assumia para fazer a leitura da epístola: para tanto ele subia os degraus de um púlpito e se colocava numa posição mais elevada. É um responsório cantado pelo coro (dos alunos da escola) e seu regente após as leituras bíblicas. Depois das leituras, enquanto o leitor ainda se encontrava nos degraus, os cantores entoavam um salmo e a comunidade respondia com uma antífona." *Ibid.*, p. 158 nota 10

- Leitura do Evangelho: acompanhada ou não de velas e incensos³⁵;
- Credo Niceno: cantado, ficando sua utilização ou não como opção do pastor;
- Pregação no vernáculo: poderia ocorrer nesse momento ou até mesmo antes do intróito;
- Ofertório: para Lutero o ofertório "cheirava a sacrifício"³⁶, por isso deveria ser deixado fora³⁷ da missa e seguia da seguinte maneira:
- Preparação do vinho e do pão para a bênção³⁸;
- Diálogo entre oficiante e comunidade seguido do prefácio³⁹;
- Palavras de instituição: dita após um breve intervalo, podendo ser recitada em silêncio ou em voz alta;
- *Sanctus*: cantado pelo coro;
- *Benedictus*: enquanto ocorria os elementos eram elevados. Nesse ponto Lutero dizia estar fazendo uma modificação que poderia causar escândalo, por isso essa mudança deveria ser precedida de uma pregação que a explicasse;
- Pai Nosso: os gestos feitos com a hóstia e o cálice⁴⁰ após o Pai Nosso deveriam ficar de fora;
- Gesto da paz⁴¹: feito com o oficiante de frente para o povo;

³⁵ Desde a antiguidade a leitura do Evangelho vinha acompanhada de cerimônias nas quais se acendiam velas (lembrando a lei e os profetas) e se incensava o templo. Ibid., p. 161, nota 29

³⁶ Ibid., p. 161

³⁷ O ofertório foi considerado por Lutero a parte mais ofensiva da missa, por isto deveria ficar de fora. Tudo porque os elementos da Ceia que eram levados ao altar eram considerados sacrifício oferecido a Deus pelas pessoas. Ibid., p. 158, nota 15

³⁸ O costume na época era de misturar água no vinho. Lutero não se opôs, mas preferia que fosse usado vinho puro, que expressa melhor a pureza da doutrina evangélica, e além disso o que é derramado na cruz é o sangue de Cristo. Ibid., p.162

³⁹ O prefácio era interrompido pela Narrativa da Instituição, substituindo o "próprio" do dia, porque Lutero sentia nele também o "cheiro de sacrifício" e era isso que ele quer eliminar da eucaristia e da missa. É por isso também que o *Sanctus*, parte do prefácio, está depois da Narrativa da instituição, e não antes. Ibid., p.163, nota 38

⁴⁰ Quebrar a hóstia e misturá-la no cálice. Ibid., p. 164

⁴¹ Lutero descreve o voto "A paz do Senhor" como sendo a absolvição pública dos comungantes, a remissão dos pecados, e não um gesto de reconciliação comunitária. Ibid., p. 164

- *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus);
- Comunhão: sendo que comungava primeiro o oficiante e depois a comunidade; enquanto isso poderia ser cantado o *Communio*⁴². Lutero também defendia que as duas espécies (o pão e o cálice) fossem dadas à comunidade, e não somente uma delas (o pão), pois a decisão de dar somente uma das espécies era decisão humana, de um concílio, enquanto dar as duas era ordem expressa do próprio Cristo, conforme está descrito nos Evangelhos e em Paulo. Dar somente uma das espécies era colocar o ser humano acima do próprio Deus.⁴³ Lutero também recomendava que aquelas pessoas que iriam participar da eucaristia fizessem uma inscrição anterior e que primeiro passassem por um "teste" respondendo a perguntas referentes à eucaristia (o que significava, para que servia, por que queriam tomá-la). Esse "teste" deveria ser feito pelo menos uma vez ao ano. Com isso Lutero queria evitar a participação dos indignos⁴⁴. Ainda quanto à comunhão, Lutero era contrário a que se celebrasse a comunhão de um modo privado dentro da igreja, mas incentivava que ela acontecesse em torno do altar, onde as pessoas que estavam participando pudessem ser vistas, isso era também uma forma de testemunhar que eram pessoas cristãs⁴⁵. Quanto à preparação, ele afirmava não ser necessária a confissão privada, mas a considerava útil, recomendando também que as pessoas que iriam participar da eucaristia viessem no mínimo sóbrias⁴⁶.
- *Ite missa*: algo semelhante a um envio e que significa "Ide, a missa terminou."⁴⁷;
- Bênção: a costumeira (Abençoe-vos o onipotente Deus, Pai, Filho e Espírito Santo - dita em latim) ou Números 6.24-27,

⁴² Hino cantado pelo coro durante a distribuição da Ceia. Ibid., p. 158, nota 12

⁴³ Ibid., p. 169

⁴⁴ Ibid., p. 167

⁴⁵ Ibid., p. 168

⁴⁶ Ibid., p. 168

⁴⁷ Ibid., p. 164. Nota 48

ou ainda o Salmo 67.6-7. Interessante é que Lutero modificou os textos bíblicos de bênção, utilizando os pronomes "nos"⁴⁸, ao invés de "vos" ou "te"; com isso ele mesmo se incluía na bênção.

Lutero sugeriu, ainda, que fossem cantados o máximo possível de hinos na língua vernácula, até que se pudesse celebrar toda a missa em alemão⁴⁹, possibilitando, assim, uma maior participação do povo na missa. Fazia uma crítica ao abuso das coisas exteriores (vestes, velas, vasos, etc...), pois eram usadas para a obtenção de lucros em negócios⁵⁰. Isso ficou claro novamente quando Lutero recomendou que não houvesse luxo e pompa nas vestes litúrgicas⁵¹. Em relação a estas recomendava, ainda, que não fossem tratadas como objetos sagrados, pois isso era superstição⁵².

1.4 - Missa Alemã e Ordem de culto (1526)

Atendendo aos anseios das comunidades, de teólogos e também do príncipe-eleitor da Saxônia⁵³, Lutero elaborou a Missa Alemã, que foi definitivamente introduzida em Wittenberg no Natal de 1525, sendo impressa logo após⁵⁴. Com essa Missa Alemã Lutero não quis que as demais formas de missa (de 1523 e em latim) fossem eliminadas, nem que fosse usada como uma lei, mas que fosse usada com liberdade⁵⁵ "segundo o seu [do oficiante] agrado, como, onde, quando e por quanto tempo as circunstâncias o reclamassem e exigissem"⁵⁶. Destacou ainda a

⁴⁸ Ibid., p. 165

⁴⁹ Ibid., p. 170

⁵⁰ Ibid., p. 159

⁵¹ Ibid., p. 166

⁵² Ibid., p.,. 166

⁵³ Martinho LUTERO, *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p. 174

⁵⁴ ID., *ibid.*, p. 175

⁵⁵ Lutero sugeriu inclusive que cada região pudesse acrescentar particularidades e que isso não fosse reprimido. *Ibid.*, p. 178

⁵⁶ *Ibid.*, p. 177

utilidade da Missa Alemã para a busca da unidade, e da necessidade dessa ordem por causa daquelas pessoas que viriam a ser cristãs⁵⁷.

Antes de escrever o texto da missa propriamente dita, Lutero ainda escreveu destacando a importância de ensinar o catecismo e de educar as crianças na fé⁵⁸. Também trouxe recomendações quanto ao culto diário⁵⁹ ao longo da semana, que tinha sua ênfase na pregação⁶⁰.

A Missa Alemã era uma missa cantada (com exceção da pregação e da paráfrase que precede a Santa Ceia). Por isso também uma das preocupações de Lutero foi de não traduzir simplesmente o texto para o vernáculo, usando a melodia dos textos latinos, mas de que houvesse uma harmonia entre o texto, as notas, o acento e a língua usada⁶¹. Lutero, inclusive, substituiu partes da liturgia por hinos e, com a simplificação das melodias, conseguiu que a comunidade participasse mais⁶².

Com uma missa totalmente na língua do povo e com cantos de melodias simples, possibilitando que o povo compreendesse e participasse da missa, Lutero pretendia que o povo ocupasse novamente o seu lugar, ou seja, que o povo celebrasse a missa e não o sacerdote⁶³.

⁵⁷ Ibid., p. 178

⁵⁸ Ibid., p. 180-181

⁵⁹ Quanto ao culto diário, Lutero trabalhou mais detalhadamente esse tema em seu escrito "A ordem do culto na comunidade (1523)". Neste escrito ele mais uma vez destacou que a ênfase deveria ser dada à Palavra, que as "missas diárias deveriam ser definitivamente abolidas" e a eucaristia deveria ser dada somente se alguém o pedisse, dependendo também do tempo disponível para isso. Esse culto diário proposto por Lutero, tinha uma liturgia semelhante à das orações públicas diárias, sendo que Lutero sugeriu que esse culto diário acontecesse em vários momentos do dia. Martinho LUTERO. *A Ordem do Culto na Comunidade (1523)*, p. 65-69

⁶⁰ "...o elemento mais importante é a pregação e o ensino da Palavra de Deus". Martinho LUTERO. *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p. 182

⁶¹ Marc LIENHARD, op.cit., p. 170

⁶² Martinho LUTERO. *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p. 191, nota 32

⁶³ Karl H. BIERITZ, *O culto em foco*, p. 13

A Missa Alemã elaborada por Lutero tinha a seguinte ordem:

- Intróito: canto de um Salmo, que também poderia ser substituído por um hino sacro alemão;
- *Kyrie Eleison*: cantado somente três vezes, sempre no mesmo tom;
- Oração de coleta: lida num único tom. A formulação de coleta que Lutero apresentou é bem clássica, tendo invocação, ação de Deus no passado, súplica por atendimento, indicação de finalidade e conclusão (esta não era em forma trinitária). Deveria ser feita com o rosto voltado para o altar;
- Epístola: o sacerdote que realiza a leitura fica virado de frente para o povo;
- Canto: este é em língua alemã e cantado em conjunto pela comunidade com o coro inteiro. A sugestão, a julgar pelo título ("Agora pedimos ao Espírito Santo"), é de um hino de invocação do Espírito Santo;
- Leitura do Evangelho: quem realiza a leitura também fica com o rosto voltado para o povo;
- Confissão de fé: credo cantado em alemão;
- Pregação: esta acontecia tendo como base o Evangelho do domingo ou do dia de festa. Lutero demonstrava preocupação com o que iria ser pregado e por isso recomendava que os pregadores lessem uma postila de pregações elaborada por ele. Com isso queria evitar também que fossem pregados "gansos azuis" (assuntos estranhos ao Evangelho). A leitura da postila servia, ainda, como precaução contra os entusiastas e contra outras seitas.
- Paráfrase transparente do Pai Nosso e uma exortação aos que iriam participar na Santa Ceia: aqui Lutero começou a fazer mudanças mais radicais, e as fez, mais uma vez, com a intenção de tirar da missa tudo o que pudesse ter algum "cheiro"

de sacrifício⁶⁴. O ofertório, eliminado já na Missa de 1523, continuou de fora. A oração eucarística foi eliminada. Não ficou nem mesmo o gesto da paz. Em seu lugar Lutero introduziu uma paráfrase do Pai Nosso. O que Lutero quis com esta paráfrase foi "ensinar e conduzir o povo"⁶⁵. A paráfrase do Pai Nosso seria a forma de se rememorar o Senhor, cumprindo com a sua ordem. Importante também era que esta paráfrase não fosse modificada sempre de novo, mas que tivesse uma formulação definitiva e um procedimento uniforme para não confundir o povo.

- Celebração da Ceia e consagração: para consagração dos elementos da Ceia, Lutero usava as palavras da instituição⁶⁶ e o canto do *Sanctus* com a elevação dos elementos, pois achava que combinavam e poderiam significar o cumprimento da ordem de rememorar Cristo⁶⁷. Quanto à forma de distribuição da Ceia, a sugestão era de que primeiro fosse distribuído o pão e depois fosse consagrado e distribuído o cálice. Lutero também sugeriu que homens e mulheres viessem separadamente (primeiro os homens e depois as mulheres) à Ceia e também permanecessem separados durante o culto;
- Coleta: esta oração é também conhecida como pós-comunhão
- Bênção: o texto sugerido para a bênção foi mais uma vez o texto de Números 6.24, no entanto, dessa vez Lutero o escreveu utilizando o pronome "te" e não "nos", não se incluindo na bênção, como havia feito na missa de 1523.

⁶⁴ Apesar de não ter nada referente a sacrifício, ficou de fora também a oração de intercessão.

⁶⁵ Martinho LUTERO. *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p. 196

⁶⁶ Para a narrativa da instituição Lutero criou o texto (o da missa romana continha muitas ampliações) e a melodia (na missa romana esta parte era balbuciada). ID., *ibid.*, n.39

⁶⁷ Bieritz afirma que Lutero, ao manter e dar ênfase à narrativa da instituição, está consumando as tendências da Idade Média posterior, pois teólogos e povo fiel estavam mais concentrados na narrativa da instituição e na transformação do pão e vinho. Karl H. BIERITZ, *op. cit.*, p. 12

Na missa de 1526, Lutero, mais uma vez, se referiu ao uso das vestes, da vela e do altar, sugerindo que estes continuassem sendo utilizados até que se quisesse fazer alguma modificação, deixando também liberdade para quem quisesse agir de maneira diferente. Não ficou muito claro o que ele queria em relação ao altar, pois apenas disse que "o altar não deveria permanecer da forma como está"⁶⁸. Talvez ele já estivesse pensando que o altar, como mesa da comunhão, deveria estar no centro, pois sugeriu também que o sacerdote ficasse de frente para o povo, assim como Cristo certamente ficou de frente para os seus discípulos na Ceia⁶⁹.

Lutero encerrou a missa de 1526 sugerindo exercícios⁷⁰ para aprender a usar as melodias e lembrando mais uma vez que o que ele estava propondo não poderia virar uma lei imutável, nem ser usado como mérito diante de Deus, mas que deveria servir "para a promoção da fé e do amor"⁷¹.

⁶⁸ Martinho LUTERO. *Missa Alemã e Ordem do Culto (1526)*, p. 184

⁶⁹ ID., *ibid.*, p. 184

⁷⁰ *Ibid.*, p. 200 - 204

⁷¹ *Ibid.*, p. 205

CAPÍTULO II - O CULTO NA ORTODOXIA, NO PIETISMO E NO ILUMINISMO

2.1 - Ortodoxia

2.1.1 - O que é ortodoxia

A ortodoxia luterana iniciou logo após a morte do reformador Martin Lutero⁷², permanecendo até, aproximadamente, o final do século XVII⁷³. Na ortodoxia aconteceu uma sistematização e também uma consolidação das idéias da Reforma, em contraste com a contra-reforma⁷⁴. O importante era manter "o artigo da justificação por graça mediante a fé e a liberdade cristã daí advinda"⁷⁵. As discussões que aconteciam na ortodoxia visavam encontrar uma interpretação correta para a doutrina dos reformadores e também da Bíblia, "tudo girando em torno do ensino correto"⁷⁶.

O que aconteceu nesta busca pelo correto foi que, ao invés de esclarecer a doutrina dos reformadores, a ortodoxia a obs-

⁷² Martin N. DREHER, *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*, p. 90

⁷³ Sílvio TESCHE, *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?*, p. 79

⁷⁴ Paul TILLICH, *História do pensamento cristão*, p. 251

⁷⁵ Sílvio TESCHE, *op.cit.*, p. 79

⁷⁶ Martin N. DREHER, *op.cit.*, p. 90

cureceu⁷⁷. Mesmo tentando ser fiel a Lutero e a seus ensinamentos, a ortodoxia contrariou o objetivo de Lutero de tornar a teologia acessível ao povo, "pois a ortodoxia tornou-se sempre mais erudita, formalista e árida"⁷⁸. A ênfase nas discussões teológicas recaía sobre a formulação e definição da fé⁷⁹. "Fé passava a ser algo objetivo. O intelectualismo da fé substituíria a existência da fé. Fé era doutrina"⁸⁰.

2.1.2 - Liturgia e culto na ortodoxia

No período da ortodoxia luterana aconteceu a "cristalização do culto"⁸¹, a estabilização das ordens de culto⁸². Esta cristalização e estabilidade do culto e de suas ordens não significou a perda da liberdade. Havia liberdade para fazer mudanças, levando em conta a utilidade e a edificação da comunidade, mas em determinadas situações não se deveria ceder⁸³. Liberdade havia também quanto ao uso dos elementos verbais e não verbais⁸⁴. Os gestos eram encarados de forma positiva: "estão aí para atestar que os sacramentos não são espetáculos que nada dizem e nada fazem"⁸⁵. As vestes, como testemunho da liberdade cristã, especialmente contra os calvinistas, foram mantidas⁸⁶. A liberdade em relação à formulação dos cultos manifestou-se, também, no desenvolvimento diferenciado ocorrido nos territórios luteranos⁸⁷, bem como na diferenciação feita entre cultos realizados na zona urbana (mais ricos litúrgica-

⁷⁷ ID., *ibid.*, p. 90

⁷⁸ *Ibid.*, p. 91

⁷⁹ Paulo G. PIETZSCH, *A eucaristia na Igreja Evangélica Luterana do Brasil à luz das origens do culto cristão*, p. 67

⁸⁰ Martin N. DREHER, *op. cit.*, p. 91

⁸¹ Paulo G. PIETZSCH, *op. cit.*, p. 68

⁸² Christoph ALBRECHT, *Einführung in die Liturgik*, p. 45

⁸³ Sílvio TESCHE, *op. cit.*, p. 80 (não há referências quanto ao que não se deveria ceder)

⁸⁴ ID., *ibid.*, p. 80

⁸⁵ *Ibid.*, p. 80

⁸⁶ *Ibid.*, p. 80

⁸⁷ William NAGEL, *Geschichte des christlichen Gottesdienst*, p. 138

mente) e os realizados na zona rural (com prédicas doutrinárias)⁸⁸.

No culto da ortodoxia luterana a música foi destaque. Houve um florescimento da música, como não ocorreu mais nos séculos posteriores⁸⁹. Assim como fez Lutero, a ortodoxia também substituiu partes do culto por hinos⁹⁰; estes se tornaram cada vez mais importantes⁹¹. Assim, o que muitas vezes a prédica ortodoxa não alcançava, os hinos encarregaram-se de fazer como a proclamação da Palavra⁹². Ao contrário de Lutero, a ortodoxia não conseguiu, com a música, proporcionar uma maior participação da comunidade nos cultos. Em primeiro lugar, porque o órgão também ganhou espaço, assumindo partes que eram do coral⁹³, e também porque muitas pessoas começaram a ir ao culto somente após os cantos, na hora da pregação⁹⁴.

A ênfase nos cultos da ortodoxia luterana recaiu sobre a pregação, que, normalmente, era longa (aproximadamente uma hora) e não era moldada de acordo com a compreensão da comunidade⁹⁵. Além do tempo dedicado à pregação, outro sinal de sua valorização nos cultos da ortodoxia foi que se criou uma liturgia própria em torno dela⁹⁶. Esta liturgia tinha:

Hino, Pai Nosso orado em voz baixa, pregação, avisos do púlpito, anúncio dos que incorreram em culpa pública e dos

⁸⁸ ID., *ibid.*, p. 139

⁸⁹ Christoph ALBRECHT, *op. cit.*, p. 45

⁹⁰ ID., *ibid.*, p. 46 "Com isto poderia acontecer que se seguissem, no início do culto, três hinos um após o outro: um intróito, um kyrie e um hino de glória." ("Dabei konnte es geschehen, daß am Anfang des Gottesdienstes drei Lieder unmittelbar aufeinander folgten: ein Introitus-, ein Kyrie- und ein Glorialied.") [tradução do autor]

⁹¹ William NAGEL, *op. cit.*, p. 139.

⁹² ID., *ibid.*, p. 139

⁹³ *Ibid.*, p. 139

⁹⁴ Christoph ALBRECHT, *op. cit.*, p. 46

⁹⁵ ID., *ibid.*, p. 46

⁹⁶ Paulo G. PIETZSCH, *op. cit.*, p. 68

que foram absolvidos em função do arrependimento, admoestações à oração e bênção do púlpito.⁹⁷

Quanto à celebração da Santa Ceia, esta foi separada do culto de pregação e sua ênfase foi modificada de ato sacrificial do sacerdote para comunhão com Cristo e com os outros⁹⁸. Ela também foi tratada como um apêndice no culto, pois muitas pessoas deixavam o culto logo após a pregação.⁹⁹

Com a valorização do conteúdo¹⁰⁰, o culto perdeu a sua vivacidade interior¹⁰¹. Tudo isso se refletiu na participação apenas parcial da comunidade nos cultos. Essa participação parcial talvez nem acontecesse se não houvesse uma fiscalização por parte dos senhores feudais, os quais aplicavam multas e prisão¹⁰² aos que não participassem.

2.2 - Pietismo

2.2.1 - O que é pietismo

O pietismo surgiu no século XVII¹⁰³, após a Guerra dos Trinta Anos¹⁰⁴. Por causa de toda a destruição ocorrida nessa guerra, havia necessidade de reconstruir, no que a Igreja teve um papel importante. Dentro desse processo foi que surgiu o

⁹⁷ ID., *ibid.*, p. 68

⁹⁸ Christoph ALBRECHT, *op. cit.*, p. 46

⁹⁹ ID., *ibid.*, p. 46

¹⁰⁰ Paulo G. PIETZSCH, *op. cit.*, p. 68

¹⁰¹ Christoph ALBRECHT, *op. cit.*, p. 45

¹⁰² ID., *ibid.*, p. 46 A palavra alemã aqui traduzida como prisão é "Halseisen", que traduzida literalmente pode significar "ferro de pescoço".

¹⁰³ Martin N. DREHER, *op. cit.*, p. 120

¹⁰⁴ Sílvio TESCHE, *op. cit.*, p. 85. Cf. Paulo G. PIETZSCH, *op. cit.*, p. 69-70, a Guerra dos Trinta Anos reduziu a população da Alemanha a um terço, a igreja ficou pobre materialmente, espiritualmente, liturgicamente e musicalmente. Igreja e Estado ficaram unidos, sendo que os pastores acabaram sendo oficiais do Estado. Havia divisões de classes e os burgueses queriam que os ofícios para eles fossem realizados particularmente. Serviços litúrgicos eram oficiados por pessoas comuns da igreja, muitos dormiam durante os longos sermões e a comunhão era oferecida somente algumas vezes ao ano.

pietismo¹⁰⁵. Cabe lembrar ainda que o surgimento do pietismo aconteceu dentro "da nova classe ascendente de então, a burguesia"¹⁰⁶. Para a burguesia a ortodoxia representava um mundo ultrapassado e infantil, em desacordo com a forma com a qual o burguês via a realidade e a natureza¹⁰⁷.

A ênfase do pietismo estava na conversão¹⁰⁸, na recepção do Espírito Santo e na experiência religiosa¹⁰⁹. Isso fez com que os pietistas investissem na missão também em outros países¹¹⁰. Com essa ênfase na conversão o pietismo retomou algo que foi combatido por Lutero: "o esquema sacrificial da teologia da glória"¹¹¹. O sacrifício oferecido a Deus era um coração puro¹¹². No pietismo a religião tornou-se algo pessoal, individual e interior¹¹³. Por causa dessa individualização e também pela crença de que a renovação da sociedade era algo que passava pela renovação do indivíduo, as reformas sociais do pietismo não foram além de obras de caridade¹¹⁴, ou seja, o pietismo não se engajou para mudar a estrutura opressora da sociedade da época.

O pietismo foi de certa forma um movimento que não se preocupou com as "coisas do mundo". Isso fica claro nas obras sociais que não trouxeram modificação das estruturas, nos "collegia pietatis", que se tornaram uma pequena igreja dentro da igreja (ecclesiola in ecclesia), nos quais se reuniam os con-

¹⁰⁵ Martin N. DREHER, op. cit., p. 120

¹⁰⁶ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 85

¹⁰⁷ ID., ibid., p. 86

¹⁰⁸ Paul TILLICH, *História do pensamento cristão*, p. 258; Assim também William NAGEL, op. cit., p. 141, decisiva é a "aspiração pessoal de um renascimento e santificação" ("persönliches Streben nach Wiedergeburt und Heiligung") [tradução do autor] e ainda é destacado por Martin N. DREHER, op. cit., p. 125: importante era poder datar a conversão.

¹⁰⁹ Martin N. DREHER, op. cit., p. 121

¹¹⁰ Paul TILLICH, op. cit., p. 258

¹¹¹ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 86

¹¹² ID., ibid., p. 87

¹¹³ Martin N. DREHER, op. cit., p. 120

¹¹⁴ ID., ibid., p. 121

vertidos¹¹⁵, e na separação que os pietistas faziam entre partes da vida que eram consideradas religiosas e outras que eram consideradas seculares¹¹⁶. Com essa separação entre fé e mundo, o pietismo mostrou que não compreendeu que a fé cristã se conserva dentro do mundo¹¹⁷.

Outro ponto acentuado no pietismo foi o sentimento, em detrimento da razão. Frases como "religião é questão de coração e não de cabeça"¹¹⁸, e "a religião cristã é religião do coração, não se baseia na razão" (Zinzendorf)¹¹⁹, demonstram isso.

2.2.2 - Liturgia e culto no pietismo

No pietismo o objetivo, a forma, e o entendimento de culto foram mudados. O objetivo do culto, que estava em acordo com a ênfase maior do pietismo, passou a ser a conversão, juntamente com a santificação e a edificação que resultassem em despertar¹²⁰. Enquanto não fosse despertada, a comunidade de culto era um campo de missão¹²¹. Com essa ênfase na conversão, o batismo perdeu muito da sua importância¹²², até porque, sendo realizado com crianças, não poderia ser resultado de uma decisão pessoal. Por isso, o que recebeu importância foi a confirmação, que foi utilizada como uma confirmação do sacramento do batismo¹²³.

¹¹⁵ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 47

¹¹⁶ Martin N. DREHER, op. cit., p. 127. Assim também Paul TILLICH, op. cit., p.259; os pietistas foram radicais contra as coisas seculares como os bailes, teatro, vestidos bonitos e banquetes.

¹¹⁷ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 48

¹¹⁸ Martin N. DREHER, op. cit., p. 121

¹¹⁹ ID., *ibid.*, p. 125

¹²⁰ William NAGEL, op. cit., p. 141

¹²¹ ID., *ibid.*, p. 141

¹²² Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 47

¹²³ Paul TILLICH, op. cit., p. 258. Tillich não esclarece se a confirmação é a confirmação do batismo por parte de Deus ou por parte de quem está sendo confirmado, mas provavelmente, levando em conta a valorização de uma decisão pessoal, ela pode ser a confirmação do batismo por parte de quem está sendo confirmado, ou seja, uma espécie de conversão com data e hora marcada.

Em evidência no culto pietista estão também o emocionalismo e o subjetivismo¹²⁴. A liturgia, por sua vez, não recebeu muito valor. Spener defendia que a liturgia deveria ser usada com liberdade, variedade e mobilidade¹²⁵. O uso das agendas continuou, em alguns casos, apesar de suas ordens serem consideradas "engessadas"¹²⁶. A liturgia formal, o Ano Eclesiástico e costumes os cristãos foram considerados muletas desnecessárias para os "perfeitamente regenerados"¹²⁷.

A pregação, por sua vez, recebeu destaque também com o objetivo de levar as pessoas à conversão. A pregação passou a não ser mais de controvérsia ou uma exibição das habilidades em argumentar por parte do pregador, mas sim para a edificação da vida cristã dos ouvintes¹²⁸, tendo um caráter avivamentista¹²⁹. Em muitos casos, as pregações, que eram feitas com base nas perícopes tradicionais, acabaram sendo substituídas pelo estudo da Bíblia¹³⁰.

A música e os cantos também foram modificados nos cultos pietistas. A música era tida somente como algo para acompanhar os hinos, não sendo significativa para a liturgia¹³¹. Os hinos "baseados em fatos objetivos da salvação foram substituídos por outros que retratavam experiências pessoais"¹³². J.A. Freylinghausen trouxe, em seu hinário ("Geistliches Gesangbuch" - Hinário Espiritual) esta nova forma de hinos, os quais, por suas palavras e maneiras, acentuavam o sentimento¹³³.

¹²⁴ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 70

¹²⁵ William NAGEL, op. cit., p. 142

¹²⁶ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 47

¹²⁷ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 71

¹²⁸ Williston WALKER, *História da Igreja Cristã, 2 vols.*, p. 192

¹²⁹ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 47

¹³⁰ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 71

¹³¹ William NAGEL, op. cit., p. 142

¹³² Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 71

¹³³ William NAGEL, op. cit., p. 143

Outra modificação promovida pelo pietismo foi nas orações, as quais deixaram de ser lidas das agendas e se tornaram orações livres. Spener, usando o critério da liberdade, da variedade e da mobilidade do culto, adotou a oração livre¹³⁴, feita de improviso.

A celebração da Ceia foi criticada por Spener, que via nela não somente reflexões bíblicas, mas também costumes alemães¹³⁵. Franke, por sua vez, rejeitou a confissão antes da celebração da Ceia dominical e, em muitos casos, celebrou a Ceia em casas particulares¹³⁶.

2.2.3 - "Vozes discordantes"

Nem todos no pietismo concordavam com um culto com uma liturgia mais "livre" e de improviso. Houve nomes importantes do pietismo que defenderam a continuidade do uso das agendas de culto e também das orações eclesiásticas. Esse foi o caso de Zinzendorf. Para ele, as velhas orações eclesiásticas tinham algo de "divino e inimitável"¹³⁷. Também defendeu a continuidade do uso da liturgia, tendo para isso um forte argumento: "No momento em que a liturgia for negligenciada, teremos, certamente, uma diminuição do Espírito"¹³⁸. Zinzendorf também era a favor de pregações que não fossem longas: "se eu faço uma pregação curta, geralmente digo mais do que se eu faço uma pregação longa"¹³⁹.

¹³⁴ ID., *ibid.*, p. 142

¹³⁵ *Ibid.*, p. 142

¹³⁶ *Ibid.*, p. 142

¹³⁷ *Ibid.*, p. 144

¹³⁸ *Ibid.*, p. 145 "Sobald die Liturgie vernachlässigt wird, so kann man sich sicher auf eine Abnahme des Geistes präparieren". [tradução do autor]

¹³⁹ *Ibid.*, p. 144 "Wenn ich sehr kurz rede, sage ich gemeiniglich mehr, als wenn ich lang rede" [tradução do autor]

Outro nome importante no pietismo, August H. Franke, recomendou que os pastores ensinassem as partes do culto, para que este não fosse celebrado de uma maneira errada. Franke, que elaborou liturgias para o uso em sua comunidade, entendia que sem as cerimônias exteriores era impossível preservar a religião¹⁴⁰. Enquanto que no pietismo a veste litúrgica foi eliminada¹⁴¹, Franke usava o talar de professor durante as celebrações¹⁴².

2.3 - Iluminismo

2.3.1 - O que é iluminismo

No iluminismo a razão passou a dominar a relação do ser humano com Deus¹⁴³. Por causa dessa ênfase na razão, o iluminismo também é tratado como racionalismo. O iluminismo (no alemão: Aufklärung, que significa esclarecimento) entrou na Igreja Luterana por meio de Christian Thomasius, que o fez com base na idéias de Georg Leibniz e René Descartes¹⁴⁴. O iluminismo retoma a teologia da glória, a qual era "de cunho dominador e legalista"¹⁴⁵.

No iluminismo pretendia-se uma redução da religião cristã ao essencial¹⁴⁶, que para os iluministas é a moralidade¹⁴⁷. Para alcançar a moralidade e exercê-la, a Igreja era até considerada desnecessária¹⁴⁸.

¹⁴⁰ Ibid., p. 142

¹⁴¹ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 91

¹⁴² William NAGEL, op. cit., p.142

¹⁴³ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 86

¹⁴⁴ ID., ibid., p. 86

¹⁴⁵ Ibid., p. 87

¹⁴⁶ Martin N.DREHER, op. cit., p. 130

¹⁴⁷ ID., ibid., p. 137. Assim Também Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 73, que não usa o termo redução da religião, mas afirma que esta foi simplificada.

¹⁴⁸ Martin N.DREHER, op. cit., p. 134

O iluminismo considerava a fé algo racional, que podia ser captado racionalmente. Por causa disso é que somente os aspectos da fé cristã que podiam ser captadas racionalmente eram valorizadas¹⁴⁹. Cristo também não era mais tido como o Salvador, mas apenas como um modelo moral¹⁵⁰. Também não era mais Deus quem vinha ao ser humano, mas era este que deveria subir em direção a ele¹⁵¹. É importante, ainda, constatar que para o iluminismo o passado não tinha mais valor, importava olhar para o futuro¹⁵². Também era importante a relação entre Igreja e escola: ambas existiam para instruir as pessoas e doutriná-las, introduzindo-as em uma vida virtuosa¹⁵³.

2.3.2 - Liturgia e culto no iluminismo

No iluminismo, apesar da preocupação com a liturgia, de um grande número de publicações de folhetos e de jornais de liturgia e de um grande número de agendas¹⁵⁴, as formas litúrgicas e o culto foram reduzidos/simplificados¹⁵⁵, assim como aconteceu com a religião e a teologia cristã.

A pregação assumiu a centralidade do culto, sendo que o "público" (contraposto ao pregador) deveria apenas receber, através dela, o ensino religioso e moral¹⁵⁶. Através da prega-

¹⁴⁹ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 48, Assim também William NAGEL, op. cit., p. 147, "em questões de fé 'a razão sozinha decide'" (in *Sachen des Glaubens*, „die Vernunft allein entscheide") [tradução do autor]

¹⁵⁰ Martin N.DREHER, op. cit., p. 134

¹⁵¹ Martin N.DREHER, op. cit., p. 134

¹⁵² ID., *ibid.*, p. 129; assim também William NAGEL, op. cit., p. 147

¹⁵³ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 48: o vocabulário da escola é levado para a Igreja: "Pastor = professor; pregação = conferência; comunidade = ouvintes/público; igreja = auditório etc." ("Pfarrer = Lehrer; Predigt = Vortrag bzw. Religionsvortrag; Gemeinde = Zuhörer, Publikum; Kirche = Hörsaal usw.") [tradução do autor]

¹⁵⁴ William NAGEL, op. cit., p. 147

¹⁵⁵ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., 73, Rudolf STÄHLIN, *Die Geschichte des christlichen Gottesdienstes von der Urkirche bis zur Gegenwart*, p.73, chega a afirmar que o iluminismo "destruiu a estrutura litúrgica" ("die liturgische Struktur zu zerstören") [tradução do autor]

¹⁵⁶ William NAGEL, op. cit., p. 147

ção se quer produzir um "ser humano esclarecido e confiável"¹⁵⁷. A valorização da pregação era tanta que não era mais a pregação que tinha de estar em harmonia com o tema do culto, mas este tinha de estar em harmonia com o tema daquela¹⁵⁸. A escolha das orações, dos cantos, e da leitura eram orientados pelo tema da pregação¹⁵⁹. Ou seja, escolhia-se um tema para a pregação e todo o restante do culto era utilizado para justificar este tema. Com isso corria-se o perigo de não pregar a Palavra de Deus, mas sim as idéias do próprio pregador. Os temas sugeridos para as pregações também eram bem "estranhos". Sugeria-se, por exemplo, pregar: "Sobre o valor das felicitações humanas", (...) "Sobre o robustecimento dos pastores e advertência contra o uso de boinas de pele", (...) "Sobre o risco de ser enterrado vivo"¹⁶⁰. Não existia relação entre o tema da pregação e a época do ano eclesiástico, até porque este não era valorizado¹⁶¹, e porque o lecionário foi eliminado¹⁶². Muitos até sonhavam que com a "iluminação" alcançada através da pregação, com o tempo, o culto se tornaria supérfluo¹⁶³.

Assim como na ortodoxia e no pietismo, também no iluminismo partes da liturgia foram substituídas por hinos. Isto acontecia com as partes da liturgia que não eram abolidas¹⁶⁴. Os hinos foram também instrumentos usados para criar, no culto,

¹⁵⁷ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 89

¹⁵⁸ William NAGEL, op. cit., p. 47

¹⁵⁹ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 48

¹⁶⁰ William NAGEL, op. cit., p. 148: "Über den Werth menschlicher Glückwünschungen"; (...) "Über die Abhärtung der Hirten und Warnung vor dem Gebrauch der Pelzmützen"; (...) "Über Gefahr des Lebendigbegrabenwerdens". [tradução do autor]

¹⁶¹ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 74; Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 73, lembra ainda que o sentido das grandes festas cristãs é modificado, o último domingo é destinado para a "celebração dos mortos" ("Totenfest"), há a preferência pela festa de aniversário do soberano, pela confirmação, por Silvestre e pelo ano novo. Santificar o domingo passou a ser algo inculto.

¹⁶² Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 48

¹⁶³ William NAGEL, op. cit., p. 147,

¹⁶⁴ ID., ibid., p. 147

um clima mais festivo e também sentimentos piedosos¹⁶⁵. Em alguns casos as letras e as melodias das músicas foram arbitrariamente modificadas¹⁶⁶.

A oração, por sua vez, não era considerada uma forma de falar com Deus, mas sim um auto-ensinamento¹⁶⁷. Em muitos casos as orações foram substituídas por discursos emocionais¹⁶⁸.

No que se refere à celebração da Ceia, também esta recebeu uma redução, não somente em sua forma litúrgica como também na quantidade de vezes ao ano em que era celebrada. O dia preferencial para se celebrar e participar da Ceia era a Sexta-feira Santa, a qual foi elevada ao posto de grande feriado do ano¹⁶⁹. Quando ela era celebrada era apenas um "apêndice" ao culto¹⁷⁰, até mesmo a narrativa da instituição foi modificada para "refletir as nuances intelectuais do racionalismo"¹⁷¹.

Elementos de prodigalidade do culto, como as vestes, paramentos, velas, não comunicaram racionalmente, por isso foram ridicularizados, quando não completamente eliminados do culto iluminista. Um pastor oficiando de alba era considerado um fantasma, além do que, acreditava-se que as vestes promovessem a superstição e por isto foram consideradas ridículas e eliminadas¹⁷². O uso de velas acesas durante o dia era considerado um absurdo¹⁷³.

¹⁶⁵ Ibid., p. 147

¹⁶⁶ Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 72

¹⁶⁷ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 49

¹⁶⁸ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 73

¹⁶⁹ Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 73, assim também Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 73: "A eucaristia não era mais celebrada a cada domingo e dias santos, mas realizada à feição dos reformados, quatro vezes ao ano."

¹⁷⁰ Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 73

¹⁷¹ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 73

¹⁷² Sílvio TESCHE, op. cit., p. 91; Assim também Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 49; e ainda Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 73

¹⁷³ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 49

CAPÍTULO III - RENOVAÇÃO LITÚRGICA NO SÉCULO

XIX

3.1 - Contexto da renovação litúrgica do século XIX

Depois da Guerra dos Trinta Anos, das guerras napoleônicas e de quase três séculos de decadência/desmoronamento total da tradição litúrgica¹⁷⁴, nos quais imperaram a ortodoxia, o pietismo e o iluminismo, os cultos estavam esvaziados e empobrecidos¹⁷⁵. Somente em algumas poucas comunidades ainda era utilizada a liturgia histórica, bem como também em poucas comunidades ainda se preservavam as antigas vestes litúrgicas, os costumes e a música em latim¹⁷⁶. A Igreja Luterana da época estava completamente desprestigiada entre o povo, sendo que a participação nos cultos era mínima e estava diminuindo a cada ano¹⁷⁷. Não era raro acontecer que para a celebração do culto o pastor e o sacristão estivessem sozinhos na igreja. Os poucos que ainda iam aos cultos o faziam "de modo muito desleixado, as mulheres sem vestido festivo. O pregador era desprezado e quase ninguém aparecia mais quando citado por ele."¹⁷⁸ A "indi-

¹⁷⁴ Paulo G. PIETZSCH, *A eucaristia na Igreja Evangélica Luterana do Brasil à luz das origens do culto cristão*, p. 74

¹⁷⁵ ID., *ibid.*, p. 75

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 75

¹⁷⁷ Sílvio TESCHE, *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?*, p. 95

¹⁷⁸ ID., *ibid.*, p. 95, nota 8

ferença, a frieza e o desprezo da religião" tinham aumentado muito.¹⁷⁹

A liberdade existente, junto com o espírito da época, fazia com que a eucaristia fosse celebrada poucas vezes ao ano e o sermão, por sua vez, tinha a supremacia no culto.¹⁸⁰ Também por causa da liberdade e do espírito da época era muito comum que "cada clérigo, ignorando o caráter corporativo da liturgia, extirpasse ou acrescentasse elementos a seu critério, servindo-se das inúmeras publicações particulares que liturgistas editavam às suas próprias expensas, 'fazendo assim o seu culto'."¹⁸¹

Além dessa situação de caos na Igreja, também o Estado encontrava-se em situação desoladora, passando por sérias dificuldades financeiras, tendo o seu exército desgastado e muitos novos territórios anexados, cujas populações não podiam ser consideradas confiáveis e necessitavam de uma administração atenta.¹⁸²

Em meio a tamanha crise, uma restauração e um despertar eram necessários. E essa busca por restauração e despertar também marcaram o século XIX.¹⁸³

3.2 - A renovação litúrgica de Frederico Guilherme III

3.2.1 - Objetivos de Frederico Guilherme III com sua Agenda Litúrgica

¹⁷⁹ Ibid., p. 95, nota 9

¹⁸⁰ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 75

¹⁸¹ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 115

¹⁸² ID., ibid., p. 94-95

¹⁸³ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 75

Frederico Guilherme III reinou na Prússia de 1797 até 1840¹⁸⁴. Na Prússia, a maioria da população era luterana, mas havia também calvinistas. O próprio Frederico Guilherme III era calvinista.¹⁸⁵ No entanto, era casado com uma luterana e, por isto, os dois não podiam comungar juntos.¹⁸⁶ Esse foi um dos motivos que levou Frederico Guilherme III a promover a união entre as Igrejas luterana e calvinista.

Com essa união sua intenção era também de "consolidação do poder do Estado dinástico."¹⁸⁷ Ou seja, o imperador usou a união das Igrejas muito mais em proveito próprio e para fortalecer o seu poder e o do Estado, do que para fortalecer as Igrejas. A elaboração de uma Agenda Litúrgica foi parte do esforço feito por ele para concretizar a união entre luteranos e calvinistas.¹⁸⁸

Já logo nos primeiros anos de seu reinado, Frederico Guilherme III demonstrou preocupação com a questão litúrgica.¹⁸⁹ No entanto, a guerra com Napoleão fez com que o seu projeto de liturgia fosse adiado, sendo que esse período de adiamento também significou um afastamento de Frederico Guilherme III da piedade racional.¹⁹⁰

O primeiro passo dado por ele, na questão litúrgica, foi nomear uma comissão com a tarefa de elaborar uma nova ordem de

¹⁸⁴ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 94

¹⁸⁵ Martin N. DREHER, *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*, p. 142

¹⁸⁶ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 75

¹⁸⁷ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 97

¹⁸⁸ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 76

¹⁸⁹ Christoph ALBRECHT, *Einführung in die Liturgik*, .p. 50

¹⁹⁰ William NAGEL, *Geschichte des christlichen Gottesdienst*, p. 156. Nagel destaca também que Frederico Guilherme III tinha sido educado no espírito iluminista da época. Também Sílvio TESCHE, *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?*, p. 94, destaca este traço na educação do imperador.

culto para acabar com o caos existente.¹⁹¹ Essa comissão, formada por calvinistas e luteranos, deveria "sacar o que havia de melhor em ambas as Agendas".¹⁹² O resultado do trabalho dessa comissão de calvinistas e luteranos foi uma "mera coleção de orações e fórmulas segundo os moldes racionalistas (...) sem quaisquer preocupações com a questão da forma e da música, provocando desagrado do rei".¹⁹³ Por isso, ele mesmo assume essa tarefa¹⁹⁴, julgando-se conhecedor de liturgia.¹⁹⁵

Na elaboração da Agenda Litúrgica, Frederico Guilherme III utilizou-se de alguns critérios, sempre pensando no seu objetivo final: o "ritual deveria permitir, por sua constante e repetida execução, que a amarração do Estado se desse por si mesma, com o mínimo possível de consciência por parte de seus atores, do processo que se estava realizando"¹⁹⁶. Junto com este objetivo, o Imperador queria também que o culto tivesse uma certa uniformidade,¹⁹⁷ colocando um pouco de ordem no caos que se havia se instalado.

Um desses critérios foi a música. Esta deveria ser "tão linda quanto possível".¹⁹⁸ O objetivo de ter uma música tão linda no culto não era o de embelezá-lo ou de oferecer algum tipo de prazer aos seus participantes, mas sim o de "acorrentar os membros das comunidades aos cultos, e assim solapar de antemão qualquer pensamento revolucionário e perigoso. (...) Liturgia seria para a comunidade o mesmo que a parada para o exército, ou seja, ela faz com que acertem o passo."¹⁹⁹

¹⁹¹ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 50

¹⁹² Sílvio TESCHE, op. cit., p. 100

¹⁹³ ID., *ibid.*, p. 100

¹⁹⁴ Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 50

¹⁹⁵ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 76

¹⁹⁶ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 106-107

¹⁹⁷ ID., *ibid.*, p. 115

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 117-118, nota 89

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 117-118, nota 89

Outro critério usado por Frederico Guilherme III foi o tempo. Segundo ele o tempo ideal para a celebração de um culto não deveria ultrapassar uma hora, sendo que metade dele deveria caber à pregação e a outra metade à liturgia e aos cânticos da comunidade.²⁰⁰ Percebe-se nisso que, para ele, os cânticos da comunidade e a pregação não faziam parte da liturgia. E fica também a pergunta: em caso de celebração da eucaristia, tomando o cuidado de não ultrapassar o tempo considerado ideal, qual das partes cederia de seu tempo? A pregação? A liturgia? Ou ficariam fora os cânticos? Quais os critérios de eliminação?

Ainda outro critério que o Imperador destacava muito era o de "recorrer ao pai Lutero."²⁰¹ No entanto, e isso ele não destacou, os conteúdos da agenda litúrgica não poderiam provocar um choque com os calvinistas.²⁰² Isso ficou claro quando Frederico Guilherme III optou por usar o Credo Apostólico, o qual tinha a preferência nos cultos de pregação dos calvinistas, ao invés de usar o Credo Niceno,²⁰³ sugerido por Lutero (Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg - 1523).

A celebração da eucaristia não era algo que fosse considerado importante em todos os cultos, era apenas "mero suplemento e apêndice a ser incluído excepcionalmente."²⁰⁴

²⁰⁰ Ibid., p. 119, nota 95

²⁰¹ William NAGEL, op. cit., p. 158. O mesmo é destacado também por Christoph ALBRECHT, op. cit., p. 50. Sílvio TESCHE, op. cit., p. 110, nota 60, afirma que: "pode ser que Frederico Guilherme III tenha lido Lutero, mas só havia entendido 'seu Lutero'."

²⁰² Christoph ALBRECHT, op. cit., .p. 50

²⁰³ ID., ibid., p. 52

²⁰⁴ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 119. Christoph ALBRECHT, op. cit., .p. 52, afirma que a celebração da eucaristia na liturgia prussiana estava prevista para apenas uma vez ao ano. Ainda conforme William NAGEL, op. cit., p. 159, a celebração da eucaristia no final do culto, como sendo um "anexo/rodapé" ("Fußnote"), era uma possibilidade bem concreta.

A fim de introduzir a sua Agenda, Frederico Guilherme III não mediu esforços e usou o seu poder como monarca. Encarregou dessa tarefa o Ministério para Assuntos Eclesiásticos; que usou de todos os meios possíveis para executá-la.²⁰⁵ Isso significou até mesmo o uso da força e da violência.²⁰⁶

3.2.2 - O culto prussiano

Em 1816 Frederico Guilherme III lançou a sua "Liturgie für die Hof- und Garnisonkirche zu Postdam" ("Liturgia para a Igreja da Corte e da Guarnição de Postdam")²⁰⁷, que se firmou, após várias modificações, em 1822, com o título de "Kirchen-Agende für die Hof- und Domkirche in Berlin" ("Agenda Eclesiástica para a Igreja da Corte e da Catedral de Berlim").²⁰⁸ Essa liturgia veio a sofrer modificações e revisões, firmando-se em 1894 quando foi aceita a agenda renovada.²⁰⁹ Houve ainda, em 1931, mais uma revisão da Agenda Prussiana, mas que não alcançou expressão prática.²¹⁰

As versões de 1822 e de 1894 ficaram assim constituídas:

1822²¹¹

Com.: Hino

P.: "Em nome do Pai..."

1894²¹²

Com.: Hino Introdutório

P.: "Em nome do Pai..."

²⁰⁵ EQUIPE TEAR, *Vertentes litúrgicas de igrejas luteranas e unidas da América Latina: a renovação litúrgica na Alemanha protestante do século 19*, p. 11

²⁰⁶ Sílvio TESCHE, op. cit., p. 122

²⁰⁷ ID., *ibid.*, p. 118

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 118

²⁰⁹ William NAGEL, op. cit., p. 159. Também Rudolf STÄHLIN, *Die Geschichte des christlichen Gottesdienstes von der Urkirche bis zur Gegenwart*, p. 75, assim como Nagel, cita o ano de 1894, já Oskar SÖHNGEN, *Vor der Revision der Preussischen Agende*, cita o ano de 1895.

²¹⁰ William NAGEL, op. cit., p. 161

²¹¹ Conforme Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 75-76

²¹² Conforme Oskar SÖHNGEN, op. cit.

P.: "O nosso socorro..."²¹³

P.: "O nosso socorro..."

P.: Confissão de Pecados

Coro: "Amém"

P.: Versículo

P.: Versículo de entrada

Coro: "Glória seja ao Pai..." Com.: "Glória seja ao Pai..."

[Glória Patri]

P.: Confissão de pecados

Coro: Kyrie (3 vezes)

Com.: "Senhor, tem piedade..."
ou Kyrie²¹⁴

P.: Anúncio da graça²¹⁵

P.: "Gloria a Deus nas altu-
ras."

P.: "Gloria a Deus nas altu-
ras."

Coro: "E paz na terra..."

Com.: "E paz na terra..." (nos
dia de festa: "Nós te louva-
mos...")

Coro: "Nós te louvamos..." (po-
deria ficar de fora)

P.: "O Senhor esteja convosco!"

P.: "O Senhor esteja convosco!"

Coro: "E com teu espírito!"

Com.: "E com teu espírito!"

P.: Coleta.

P.: Oração antes da leitura da
Palavra

Coro: Amém.

Com.: Amém

²¹³ De acordo com William NAGEL, op. cit., p. 159, esta é uma das poucas partes do culto que tem sua origem na ordem de culto da Igreja Reformada.

²¹⁴ Em BUCH DER GOTTESDIENSTE, p. 315, o Kyrie junto à confissão de pecados deixa clara a relação que se quer entre estes dois elementos: o Kyrie não é mais clamor pelas dores do mundo, mas sim um clamor pelo perdão dos pecados.

²¹⁵ Ibid., p. 316: "...Denn da ich den Herrn suchte, antwortete er mir und errettete mich aus aller meiner furcht. Er hat meine Traurigkeit in freude verwandelt, er hat, meine finsternis licht gemacht. Darum freue ich mich und bin fröhlich in dir und lobe deinen Namen, du Hochster, jetzt und immerdar. Ehre sei Gott in der Höhe!" ("Quando eu procurei o Senhor, ele me respondeu e me salvou de todos os meus medos. Ele transformou minha tristeza em alegria, ele transformou minha escuridão em luz. Por isso eu me alegro e estou feliz em ti e louvo teu Nome, tu 'Senhor', agora e eternamente. Glória a Deus nas alturas!") [tradução do autor] Isto mostra que o Glória aqui é entendido como um louvor pelo perdão dos pecados.

P.: Epístola	P.: Leitura da Epístola ²¹⁶
P.: Versículo	P.: Versículo após a leitura
Coro: Aleluia	Com.: Aleluia
P.: Leitura do Evangelho, terminando com "Louvado seja Cristo"	P.: Leitura do Evangelho, terminando com: "Louvado seja Cristo"
Coro: Amém.	Com.: "Honra seja a ti Senhor."
P.: Credo Apostólico (também poderia ser cantado pelo coro ²¹⁷)	P.: Credo Apostólico
Coro: Amém.	Com.: Amém (3vezes)
P.: Oração do Prefácio ²¹⁸	
Coro: "Santo, Santo, Santo..."	
P.: Intercessão	
Coro: Amém	
P.: Pai Nosso	
Coro: Amém (3 vezes)	
Com.: Hino da pregação	Com.: Hino da pregação
P.: Pregação	P.: Pregação
P.: Bênção	P.: Bênção do púlpito
Coro: Amém (3 vezes)	
Com.: Hino	Com.: Estrofe de um hino
	P. e Com.: Voto do prefácio
	P.: Oração do prefácio
	Com.: "Santo, Santo, Santo..."
	P.: Intercessão

²¹⁶ Ibid., p. 316, faz referência a apenas uma leitura bíblica, não especificando se é algum Evangelho ou outra parte da Bíblia. O Aleluia é cantado como resposta a essa leitura. Também William NAGEL, op. cit., p. 160, afirma que a prática de uma leitura somente tornou-se normal.

²¹⁷ William NAGEL, op. cit., p. 158

²¹⁸ Conforme Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 75, o prefácio e o Santo, Santo, ocupam lugar no culto mesmo não sendo realizada a eucaristia. Stählin considera isso uma inovação. Na liturgia de 1894, essas partes também permanecem e são liturgia final, quando não houver eucaristia.

P.: Pai Nosso

Com.: Amém.

Com.: Estrofe final

P.: Bênção

Com.: Amém.

Quando houvesse celebração da eucaristia:

Com.: Hino da Ceia

P.: Exortação sobre eucaristia. Acontecia aqui o diálogo, prefácio e Santo, Santo, sendo que entre diálogo e prefácio acontecia uma exortação sobre a eucaristia.

P.: Oração

P.: Oração

Coro: Amém.

P.: Pai Nosso

Com.: Amém

P.: Palavras de instituição

P.: Palavras de instituição

Com.: (ou Coro) Ó Jesus Cordeiro

P.: Voto da paz

P.: Voto da paz

P.: Oração

Coro: Amém

Com. e coro: Amém

Coro: Ó Jesus Cordeiro

P.: Convite

Distribuição

Distribuição

P. e Com.: Estrofe de um hino de graças

P.: Oração de graças

P.: Oração de graças

Bênção

Coro: Amém (3 vezes)

Com. e coro: Amém (3 vezes)

Com.: Hino final

Com.: Estrofe de hino para fina-

lizar.

De 1822 até 1894 não houve, na liturgia prussiana, muitas mudanças, boa parcela das quais sendo apenas o deslocamento de algumas partes, como, por exemplo, o canto "Cordeiro de Deus" na liturgia eucarística. Outras modificações, no entanto, foram expressivas, pois também trouxeram mudanças no significado de algumas partes da liturgia. Neste caso, destaca-se o deslocamento do Kyrie e do *Glória in excelsis*. Estas partes perderam o seu sentido original, significando um afastamento da tradição litúrgica e sua "substancial deterioração".²¹⁹

Há também outras mudanças: em 1822 o coral tinha um dos papéis principais na liturgia do culto, mantendo com o pastor um diálogo²²⁰, ficando a comunidade restrita a poucas participações somente nos cantos, sendo assim apenas "público espectador da solenidade."²²¹ Já na revisão de 1894, a comunidade assumiu mais partes do culto e era ela que mantinha o diálogo com o pastor, ficando o coral restrito a pequenas participações.

Apesar de algumas falhas litúrgicas, provenientes das "segundas intenções" de Frederico Guilherme III e da forma como

²¹⁹ ID., *ibid.*, p. 75, nota 206: "wesentliche Verschlechterung " [tradução do autor]

²²⁰ Christoph ALBRECHT, *op. cit.*, .p. 52 destaca que na maioria das outras Agendas acontece o outro extremo, ou seja, o coral não tem função litúrgica, servindo apenas para embelezar os cultos nos dias festivos. Quando o coral cantava, isso deveria acontecer no início do culto e depois do Credo "para não atrapalhar a liturgia."

²²¹ Sílvio TESCHE, *op. cit.*, p. 118

foi introduzida a liturgia, não se pode negar a importância do seu trabalho litúrgico. Não há como contestar que este trabalho serviu de impulso para a restauração litúrgica do século XIX,²²² serviu como um "grito de despertar" (Weckruf).²²³

3. 3 - A proposta litúrgica de Wilhelm Löhe

3..3.1 - Objetivos de Wilhelm Löhe

Wilhelm Löhe (1808 - 1872) deu muita ênfase à diaconia, sendo um dos líderes do movimento das diaconisas e criador da Casa Matriz de Diaconisas de Neudettelsau.²²⁴ Foi também considerado "um dos mais qualificados proponentes do retorno ao culto histórico litúrgico e sacramental."²²⁵ O seu trabalho desenvolvido na área da liturgia foi também muito importante para o restante das Igrejas Luteranas.²²⁶ Para a elaboração de sua Agenda, Löhe pesquisou mais de 200 outras Agendas, com o objetivo de "compilar 'o que nos pareceu ser o melhor'".²²⁷

Wilhelm Löhe foi um dos teólogos que fez oposição a Frederico Guilherme III. Sofreu, por isso, perseguição, mas não deixou a Alemanha.²²⁸ Por oposição a Frederico Guilherme III, e com o objetivo de "retornar às normas estabelecidas pelos reformadores luteranos"²²⁹, Löhe elaborou uma Agenda Litúrgica. Porém, por causa de sua extensa pesquisa, não só retornou às normas dos reformadores, como também foi a um período anterior

²²² Christoph ALBRECHT, op. cit., .p. 52

²²³ Rudolf STÄHLIN, op. cit., p. 75

²²⁴ EQUIPE TEAR, op. cit., p. 12

²²⁵ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., p. 78

²²⁶ Christoph ALBRECHT, op. cit., .p. 51

²²⁷ Paulo G. PIETZSCH, op. cit., op. cit., p. 78

²²⁸ ID., *ibid.*, p. 77-78

²²⁹ *Ibid.*, p. 81

à Reforma, tendo tido acesso a documentos que descreviam como os cristãos primitivos celebravam a eucaristia.²³⁰

Löhe entendia a liturgia também como sendo uma forma de defender a doutrina da Igreja contra os inimigos.²³¹

3.3.2 - O culto segundo Wilhelm Löhe²³²

A proposta de culto de Löhe tinha a seguinte ordem: Sinos: eram tocados a fim de chamar a comunidade para a oração e para vir ao culto. Na chegada à igreja, era feita uma oração silenciosa, que poderia ser o Pai Nosso, aquilo que está no coração, ou ser do livro de orações. Iniciava-se o culto com um canto de invocação do Espírito Santo. Esse canto também poderia ser falado. Seguia então a confissão de pecados²³³. Para essa oração o pastor, diante do altar, e a comunidade estavam de joelhos. A oração iniciava com um diálogo e era dividida em duas partes, uma do pastor, outra da comunidade, vindo, em seguida, a absolvição. Löhe oferecia outras formas de confissão de pecados, todas elas, no entanto, tratavam do pecado de um modo mais geral.²³⁴ Após, estava o intróito, que era cantado pelo coro e seguido pelo *Glória Patri*. O *Kyrie*, que vinha em seguida, poderia ser simplesmente o canto (3 vezes "Kyrie eleison") ou, em dias festivos, poderia ser realizado de um modo mais elaborado. Em seguida, vinha o *Glória in excelsis* e uma saudação, na qual o pastor voltava-se para a comunidade.

²³⁰ Ibid., p. 81

²³¹ EQUIPE TEAR, op. cit., p. 12

²³² Conforme Wilhelm LÖHE, *Die Kirche in der Anbetung: Agende für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses*, p. 47 - 76

²³³ Em nota de rodapé, Löhe considera a confissão de pecados como oração preparatória. ID., ibid., p. 48

²³⁴ Por exemplo: "...Deine göttlichen Gebote ohn Unterlaß mit Gedanken, Worten und Werken übertreten..." ("...transgredimos sem cessar os teus divinos mandamentos em pensamentos, palavras e ações...") [tradução do autor] Ibid., p. 50

Para a oração de coleta o pastor voltava-se novamente para o altar, tornando a voltar-se para a comunidade a fim de realizar a leitura da Epístola, sendo que esta poderia ser feita de forma cantada. Seguia-se o aleluia, em resposta à leitura e não como aclamação do Evangelho. Após o aleluia, a comunidade entoava um hino, durante o qual eram acesas as velas. Acontecia nova saudação e o Evangelho era lido ou cantado, e a comunidade ficava de pé, dizendo ao final: "Glória seja a ti, Senhor.". Vinha, então, o Credo Niceno - Constantinopolitano, sendo que o pastor iniciava e a comunidade continuava recitando ou cantando. Poderia ser usado, também, o Credo Apostólico, ou ainda o hino de Lutero. A pregação era feita do púlpito e seguida pelo ofertório, no qual também eram trazidos bens materiais destinados aos necessitados. Os elementos da Ceia eram levados ao altar pelo pastor. O ofertório era acompanhado por cantos. Enquanto isso, o pastor se preparava para a celebração da eucaristia com uma oração silenciosa, pedindo que Deus o tornasse digno de presidir este momento. Seguia-se a intercessão com responsório da comunidade, pedindo pela Igreja e os obreiros, pelo rei, por vida em paz, pelos necessitados, pela colheita e por proteção contra guerras, contra derramamento de sangue, contra pestes, contra doenças e contra temporais. O prefácio²³⁵ com *Sanctus* vinha a seguir antecedido pelo diálogo. Löhe apresentou diferentes prefácios para diferentes épocas do ano litúrgico. Ao final, há um silêncio, curto, mas profundo. A este se seguia a consagração. Nela, enquanto eram ditas as palavras de instituição, os elementos da Ceia eram erguidos e sobre eles era feito o sinal da cruz. Seguia-se o Cordeiro de Deus, o Pai Nosso e o cumprimento da paz. Esse último era visto como sendo o que marcava o início da distribuição da Ceia.

²³⁵ Em nota de rodapé, Löhe pergunta: "Wo gehört Danksagung hin, wenn nicht hier?" ("Onde caberia ação de graças senão aqui?"), [tradução do autor]Ibid., p. 64

A distribuição era antecedida por uma oração²³⁶. A comunidade recebe a eucaristia de joelhos. Ao iniciar a distribuição o pastor dizia: "Querido, este é verdadeiramente o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual sofreu por vocês uma morte amarga."²³⁷ Na mesma direção iam as palavras ditas pelo pastor antes da distribuição do cálice. Löhe demonstrou preocupação em como a distribuição poderia acontecer sem demorar muito tempo. Terminada a distribuição, o pastor proferia um voto de despedida e a comunidade voltava aos seus lugares onde fazia, de joelhos, uma oração de agradecimento em silêncio. Em caso de haver necessidade de repor os elementos da eucaristia, os elementos repostos também deveriam ser consagrados, sendo que para isso o pastor utilizava a narrativa da instituição relativa à parte repostada. Após a distribuição seguia o cântico de Simeão (Lc 2), uma nova saudação, a oração pós-comunhão e a bênção araônica. Antes de sair, a comunidade mais uma vez orava em silêncio. Não havia envio.

A proposta litúrgica de Löhe resgatou questões importantes da liturgia, como o recolhimento de bens materiais durante o ofertório. Também possibilitou uma participação ativa da comunidade com cantos e responsórios. Importante, também, é que o culto regular proposto por Löhe previa a celebração da eucaristia. No entanto, caberiam alguns questionamentos: Por que a intercessão estava após o ofertório? Por que o pastor, ao dirigir as orações no início do culto ficava virado para o altar?

²³⁶ Ibid., p. 70: "...erlös uns durch Deinen heiligen Leib und durch Dein rosenfarbenes Blut von allen Sünden..." ("...liberta-nos através de teu santo corpo e pelo teu sangue vermelho de todos os pecados...") [tradução do autor] Esta oração deixa margem para entender que a eucaristia é para o perdão dos pecados.

²³⁷ Ibid., p. 70: "Allerliebster, das ist wahrlich der heilige Leib unsers Herrn Jesu Christi, der für euch gelitten hat den bitteren Tod." [tradução do autor]

CONCLUSÃO

Fica muito claro o propósito de Martin Lutero na elaboração de suas liturgias: eliminar tudo o que possa ter alguma suspeita de ser um sacrifício oferecido a Deus, que era no que se tinham transformado as missas daquela época. Ele começa fazendo isto deixando de fora somente o ofertório na missa de 1523, para depois radicalizar e modificar completamente a liturgia eucarística. Infelizmente, ao fazer isto Lutero não tinha o conhecimento necessário para fazer esta modificação, pois como afirma J. White, ele sabia muito menos sobre a Igreja antiga do que nós podemos saber hoje²³⁸. Com certeza, se ele tivesse este conhecimento, as modificações seriam outras. Por isto, vejo que não é possível "levar ao pé da letra" as modificações propostas por ele em suas liturgias, mas podemos aprender e levar em conta alguns conceitos que ele tentou colocar em prática.

Para isto se pode começar por voltar às fontes (discípulos e cristãos primitivos), resgatar/restaurar, analisar e selecionar o que é bom e útil. Foi o que ele tentou fazer, mas, como já foi dito, ele não tinha conhecimento suficiente sobre as fontes.

²³⁸ James WHITE. *Introdução ao culto cristão*, p. 143

Outro passo é deixar de lado tudo o que possa ser sacrifício no culto. Para isto não é necessário deixar de fora, ou liminar o ofertório e a oração eucarística. Basta devolver a estes o seu verdadeiro significado e função, que é devolver a Deus, uma parte do que Ele generosamente nos dá, em ação de graças para que Ele utilize isto em favor dos que necessitam.

Para Lutero a liturgia não é uma lei, não é algo fixo, imutável, pois em várias situações ele deixa isto claro e até sugere que a liturgia seja moldada de acordo com a realidade, sendo incluídas particularidades de cada região.

Outro conceito importante de Lutero é o que ele apresenta quando trata sobre a questão de dar os dois elementos na Ceia e pergunta: o que é mais importante? Obedecer a ordem de Jesus ou aos concílios e decisões humanas? Fica claro que a ordem de Jesus tem prioridade sobre toda e qualquer decisão humana.

Há ainda a questão do espaço. Lutero não deixa muito claro, mas talvez ele já esteja pensando em uma reforma também no espaço litúrgico, pois ele começa sugerindo que a Ceia aconteça em volta do altar, que o sacerdote fique de frente para o povo, deixando transparecer que o altar/mesa da comunhão deveria mudar de lugar (ir para o centro, talvez?).

Não se pode deixar de destacar que Lutero também deu uma grande ênfase à Palavra no culto. O resgate da Palavra, de fazê-la ser entendida pelo povo, possibilitando a sua participação, é muito positivo. Por outro lado a ênfase no ensino talvez tenha sido forte demais, dando a impressão de que o culto deveria ser uma sala de aula e não um espaço de celebração do encontro de Deus com seu povo.

A leitura de outros textos de Lutero que tratam de temas referentes ao culto (sobre os sacramentos, por exemplo) com certeza ajudariam ainda mais a descobrir outros conceitos importantes para a renovação da liturgia dentro da IECLB.

Nos séculos após Lutero vieram a ortodoxia, o pietismo e o iluminismo. Albrecht afirma que nestes séculos após a Reforma acontece a história da decadência da liturgia²³⁹. É uma afirmação forte, muito forte. No entanto, esta é a realidade. A decadência da liturgia com certeza se deve ao fato de que não se soube usar a liberdade sempre destacada por Lutero. A começar pela ortodoxia, que, assim como fez com a teologia, deixou também o culto pouco acessível, pois o fez erudito, formalista e árido. A ênfase na doutrina que deveria ser passada através da pregação fez com que outras partes do culto, muito ricas, fossem deixadas de lado. Até mesmo a inclusão de muitos hinos, muitas vezes substituindo partes da liturgia, não conseguiu alcançar o objetivo de fazer as pessoas participarem mais, muito antes pelo contrário, afastou muitos das celebrações. De bom na ortodoxia foi a tentativa de modificar a ênfase, na Ceia, do ato sacrificial do sacerdote para a comunhão com Cristo e com os outros. Isto sim foi luterano, mas não teve a aceitação das pessoas.

O pietismo deu continuidade a esta decadência. Nele foi dada ênfase à conversão e ao indivíduo, modificando totalmente o sentido do culto. Além do que, o pietismo traz de volta para o culto aquilo que mais foi combatido por Lutero: o sacrifício (de um coração puro) e a teologia da glória. Por causa destas ênfases, partes fundamentais do culto (comunhão e intercessão, por exemplo) ficam prejudicadas, pois não são individuais,

²³⁹ Christoph ALBRECHT, *Einführung in die Liturgik*, p. 45

muito antes pelo contrário, levam o indivíduo a perceber que não é só ele que importa. Os pietistas buscaram uma maior liberdade no culto, mas usaram a liberdade para deixar o culto mutilado. Houve "vozes discordantes" dentro do pietismo, as quais, de certa forma, valorizaram as fontes e a história da liturgia.

O iluminismo deu continuidade à decadência do culto. A redução promovida por este movimento deixou o culto irreconhecível. Novamente a ênfase na pregação e também naquilo que pode ser entendido racionalmente, fez com que muitas coisas de valor da liturgia fossem deixadas de lado ou modificadas para pior. A "iluminação" pretendida pelo iluminismo não foi totalmente alcançada e o culto não se tornou algo supérfluo. A parte do culto mais prejudicada foi a da Ceia. Esta, além de ter a sua liturgia reduzida a um mínimo insuficiente, deixou também de ser celebrada dominicalmente.

A contribuição da ortodoxia, do pietismo e do iluminismo em relação ao culto e liturgia luteranos foi negativa. Em outras questões até podem ter dado contribuições positivas. Estes três movimentos praticamente conseguiram acabar com algo valioso para toda a cristandade: o culto e sua liturgia.

Depois de toda a decadência e desmoronamento da liturgia, não havia mesmo outra coisa a fazer senão tentar resgatar aquilo que tinha sido perdido. Frederico Guilherme III e Wilhelm Löhe dão, neste sentido, uma contribuição considerável.

No caso de Frederico Guilherme III é necessário levar em conta que ele não tinha nenhuma formação teológico-litúrgica e que além da intenção de trabalhar liturgia, queria se utilizar dela também para outros fins. Mesmo assim, seu labor litúrgico

e sua Agenda contribuíram como um grande impulso na restauração litúrgica e também na busca por uma unidade, colocando fim ao caos que existia. De negativo foi a forma usada por ele para impor a sua liturgia e também algumas mudanças realizadas na Agenda com a revisão de 1894. No entanto, destas ele já não mais pode ser responsabilizado, pois não mais participou delas. Avaliando o contexto e tudo o mais que acompanhou a elaboração da Agenda de Frederico Guilherme III, pode-se concluir que, para um início de restauração da liturgia, sua contribuição é positiva.

Já Wilhelm Löhe foi um pouco mais adiante do que Frederico Guilherme III. Devem ter contribuído para isto que Löhe tinha uma formação teológico-litúrgica e, na sua pesquisa em Agendas Litúrgicas, conseguiu retornar não somente às propostas de Lutero, mas chegar até bem mais próximo das origens, das raízes. Löhe, como um dos principais líderes do movimento das diaconisas e valorizando a diaconia, poderia ter trabalhado melhor esta questão dentro do culto, destacando as partes diaconais do culto. Ou então, abrindo mais espaço para a participação de diáconos/as também na liturgia, especialmente no ofertório e na intercessão.

Frederico Guilherme III e Wilhelm Löhe deram os primeiros e importantes passos na restauração da liturgia, mas foram os primeiros passos, não passos definitivos. Até porque eles o fizeram dentro de um contexto e com limitações. Os primeiros passos dados por eles ajudam a entender um pouco melhor a liturgia atual e servem de motivação/impulso para que se continue no trabalho de restauração da liturgia.

Lutero iniciou um trabalho de resgate e contextualização da liturgia, visando com isto a participação da comunidade.

Nos séculos que se seguiram houve contextualização da liturgia (ela foi moldada de acordo com as ênfases de cada movimento), mas não houve resgate. O resultado foi a não participação da comunidade e a decadência da liturgia. Quando novamente se procurou resgatar a liturgia, a participação da comunidade voltou a acontecer. Nisto fica claro que, também no processo de renovação litúrgica da IECLB, é necessário o resgate da liturgia, bem como a sua contextualização, para também alcançar o objetivo de proporcionar uma maior participação da comunidade nas celebrações.

BIBLIOGRAFIA

- ALBRECHT, Christoph. *Einführung in die Liturgik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.
- BIERITZ, Karl Heinrich. *O culto em foco*. São Leopoldo [s.n.] [199-], 25p. (Tradução de "Im Blickpunkt": Gottesdienst, p. 50-81)
- BUCH DER GOTTESDIENSTE: Im Anschluß an die altpreußische Agende von 1894. Berlin: Christlicher Zeitschriftenverlag, 1952.
- DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- EQUIPE TEAR. Vertentes litúrgicas de igrejas luteranas e unidas da América Latina: a renovação litúrgica na Alemanha protestante do século 19. In: *Tear: liturgia em revista*, nº 9, p. 10 - 12, dez. 2002.
- LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- LÖHE, Wilhelm, *Die Kirche in der Anbetung: Agende für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses*.
Wilhelm

Löhe: Gesammelte Werke. v. 7. Neuendettelsau: Freimund, 1953.
p. 47-76.

LUTERO, Martinho. A Ordem do Culto na Comunidade (1523). In:
_____. *Obras Seleccionadas*. v. 7. São Leopoldo/Porto Alegre:
Sinodal/Concórdia, 2000. p. 65-69.

_____. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523). In: _____. *Obras Seleccionadas*. v. 7. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000. p. 155-172.

_____. Missa Alemã e Ordem do Culto (1526). In: _____. *Obras Seleccionadas*. v. 7. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2000. p. 173 - 205.

MARTINI, Romeu Rubem. *Eucaristia e conflitos comunitários*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/IEPG, 1997.

NAGEL, William. *Geschichte des Christlichen Gottesdienstes*. Berlin: Walter de Gruyter, 1962.

PIETZSCH, Paulo Gerhard. *A eucaristia na Igreja Evangélica Luterana do Brasil à luz das origens do culto cristão*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/IEPG, 2002.

SÖHNGEN, Oscar. *Vor der Revision der Preussischen Agende*. Gütersloh: Bertelsmann, 1952.

STÄHLIN, Rudolf. Die Geschichte des christlichen Gottesdienstes von der Urkirche bis zur Gegenwart. In: *Leiturgia: Handbuch des Evangelischen Gottesdienstes*. v. 1. Kassel: Johannes Stauda, 1954. p. 74-76.

TESCHE, Silvio. *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?* São Leopoldo: Sinodal, 1995.

TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988.

WILLISTON, Walker. *História da Igreja Cristã*. v. 2. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1980.